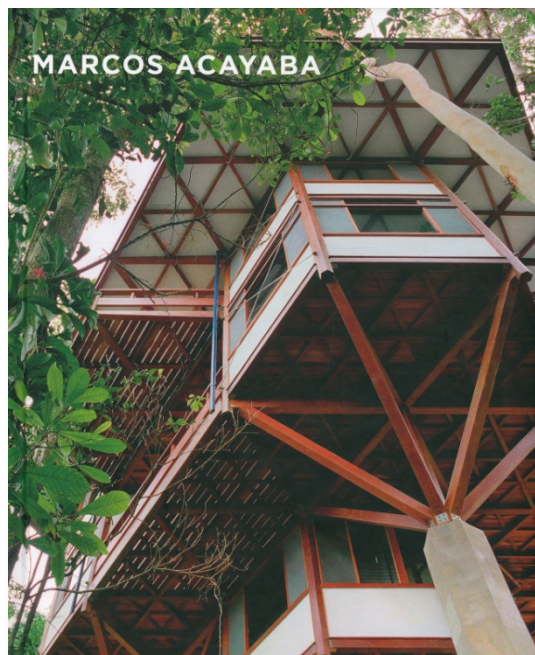




ACAYABA, Marcos

Marcos Acayaba / [Marcos Acayaba ; textos de: Julio Roberto Katinsky, Hugo Segawa y Guilherme Wisnik]. -- São Paulo : Romano Guerra, 2021

335 p. : il., fot. col. y n., plan., secc., alz. ; 27 cm.

Cronología de proyectos

Texto en portugués e inglés

Bibliografía: p. 269-270

ISBN 978-65-87205-07-6

1. Acayaba, Marcos 2. Araçatuba 3. Barueri 4. Brasil 5. Cabreúva 6. Capivari 7. España 8. Guarujá 9. Ilhabela 10. Iporanga 11. Itaim Bibi 12. Itupeva 13. Jaguaré 14. Jardim Bela Vista 15. Jardim Vitória Régia 16. Marginal Pinheiros 17. Mogi das Cruzes 18. Morumbi 19. Río de Janeiro 20. Santo Amaro 21. Sao Paulo 22. Sevilla 23. São Sebastião 24. Tijucopava 25. Vila Pirajussara 26. Arquitectura residencial 27. Bibliotecas públicas 28. Bloques de viviendas 29. Centros culturales 30. Conjuntos residenciales 31. Crítica arquitectónica 32. Edificios bancarios 33. Edificios corporativos 34. Escuelas universitarias 35. Instalaciones deportivas 36. Museos 37. Pabellones de exposiciones 38. Proyectos arquitectónicos 39. Proyectos urbanísticos 40. Siglo XX (2ª mitad) 41. Siglo XXI 42. Viviendas singulares 43. Viviendas unifamiliares I. Katinsky, Julio Roberto II. Segawa, Hugo III. Wisnik, Guilherme

11.12 Monografías

COAM 22280

MARCOS ACAYABA

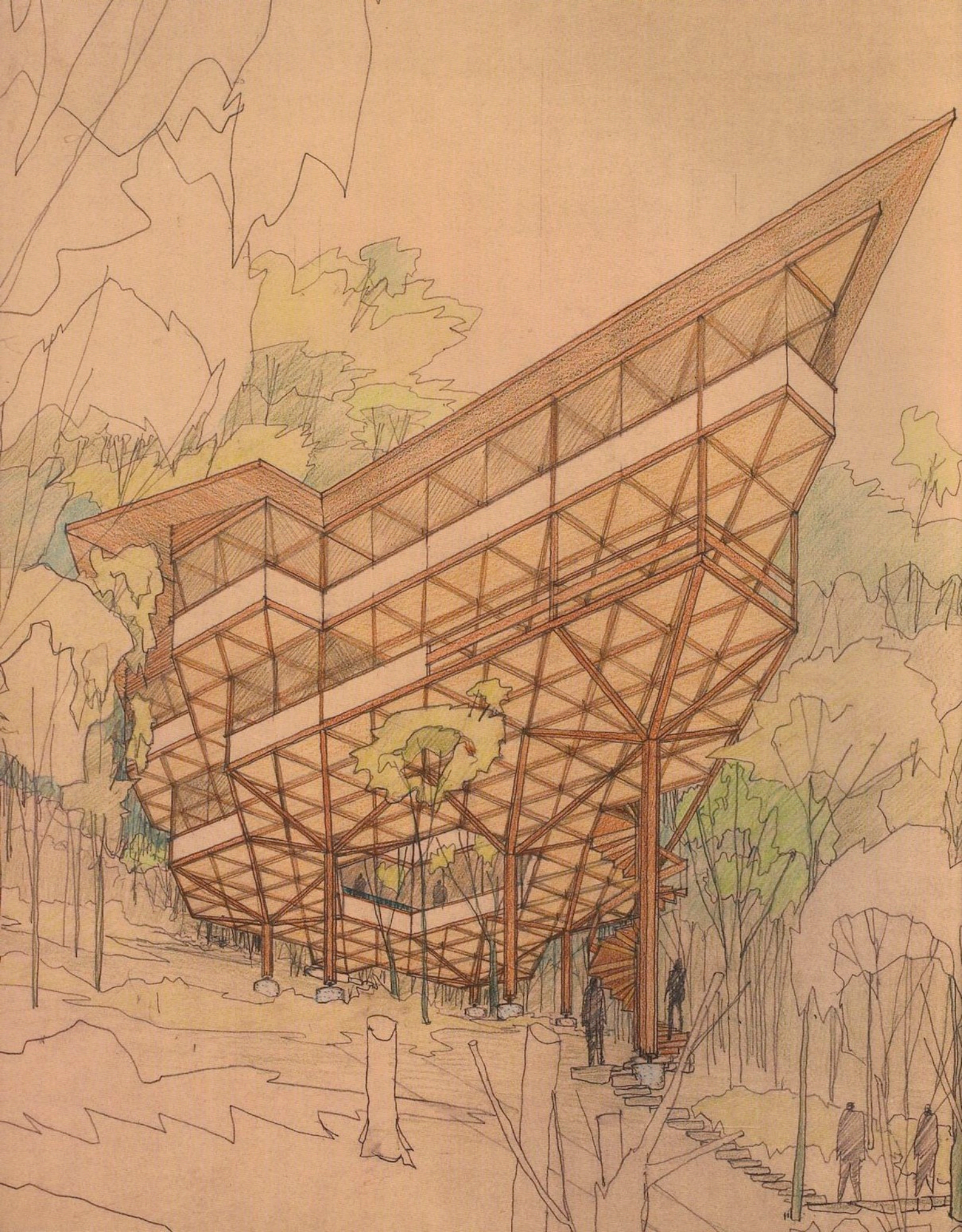


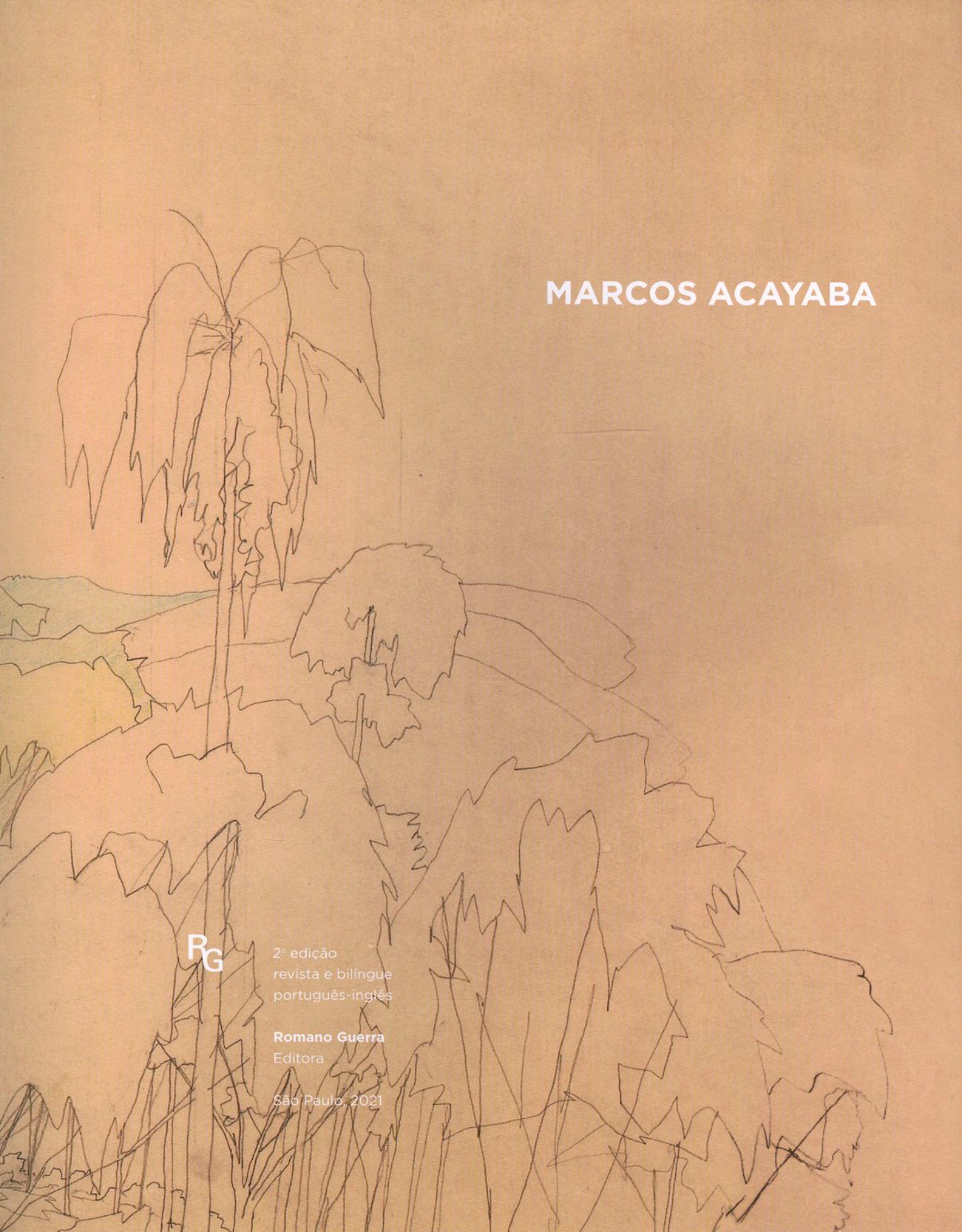
MARCOS ACAYABA

Co Colegio de Arquitectos
de Madrid,

Com un charge!

Amos Aragones,
São Paulo, 2/04/2022.





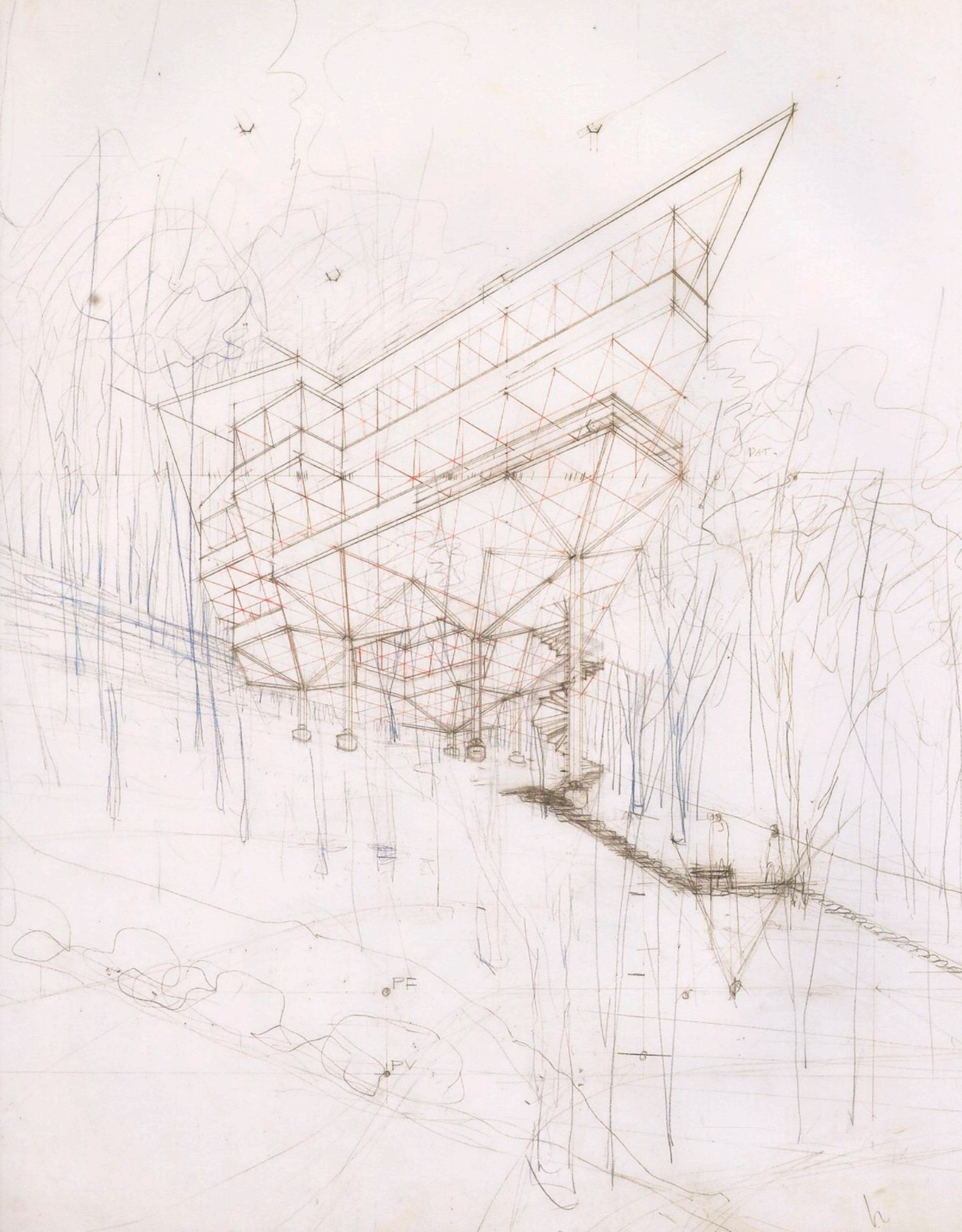
MARCOS ACAYABA

RG

2ª edição
revista e bilingue
português-inglês

Romano Guerra
Editora

São Paulo, 2021



7	APRESENTAÇÃO	Julio Roberto Katinsky
9	MARCOS ACAYABA, DELINEADOR DE ESTRUTURAS	Hugo Segawa
13	EXERCÍCIOS DE LIBERDADE	Guilherme Wisnik
23	CRÔNICA DE UMA FORMAÇÃO	
41	PROJETOS	
44	Residência Milan	
58	Conjunto de Residências no Alto da Boa Vista	
66	Sede da Fazenda Pindorama	
74	Escritórios Regionais de Planejamento	
80	Quiosque na Fazenda Arlina	
84	Galeria São Paulo	
94	Reurbanização do Vale do Anhangabaú	
98	Residência Jander Kôu	
108	Coliseum	
114	Reurbanização da área do Carandiru	
120	Agência Banespa Santo Amaro	
126	Pavilhão Pindorama	
138	Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro	
144	Agência Banespa Capivari	
150	Residência Hugo Kovadloff	
162	Museu Brasileiro da Escultura	
168	Edifício H. Stern	
174	Residência Hélio Olga	
186	Pavilhão de Sevilha	
194	Residência Baeta	
206	Residência Marcos Acayaba	
222	Nova Sede da Fapesp	
228	Sede do Parque Estadual de Ilhabela	
232	Vila Butantã	
242	Escola Estadual Jd. Bela Vista I	
254	Escola de Comunicações e Artes	
263	Cronologia de projetos	
269	Bibliografia selecionada	
272	English version	

O arquiteto e seu destino

Comecei a prestar atenção em Marcos Acayaba em 1964 ou 1965, na FAU USP, quando eu era um jovem professor e Marcos, um jovem aluno. O que me impressionou foi sua independência pessoal de julgamento, sua liberdade de pensar, numa época cuja tendência era pensar e participar de grupos abdicando de uma postura crítica própria.

Foram seus mestres, antes de tudo, os arquitetos da minha geração que se mostravam herdeiros de alguns princípios (ou conceitos) longamente sedimentados em nossa faculdade. Da Politécnica nos vinha a convicção de que era nosso dever imperativo contribuir para o desenvolvimento tecnológico brasileiro (herança maior de Paula Souza, provavelmente). Lembro-me bem, no Fórum de 1968, quando um jovem (esquerdista) professor levantou-se para criticar o frágil profissionalismo de nossa educação na faculdade, e o professor Figueiredo Ferraz, irritado, afirmou que a faculdade não estava ali para *formar profissionais*, mas para *formar cidadãos*.

Do Anhaia Mello nos vinha a noção do vínculo do arquiteto com a cidade, para a qual mesmo os clientes privados deveriam aceitar e contribuir. E de Artigas nos vinha a lição criadora da arquitetura moderna brasileira a merecer uma incorporação também ela criadora. Todas essas teses defendidas por nossa geração (pelo menos por muitos de nós) permitem-nos dizer, com orgulho, que como a geração anterior recusara o chauvinismo racista do neocolonial, nós recusamos o *Brasil grande* (potência), representativo de uma hegemonização opressora, permanecendo, sempre, ecumênicos e solidários com os povos oprimidos.

Mas se tudo isso se aplica ao Marcos, tudo isso não explica sua trajetória artística. Como disse o poeta: "Um coup de dés, jamais n'abolira l'hasard" (Abrahão Sanovicz descobriu que azar é palavra árabe, que significava, primitivamente, dado, jogo). Podemos traduzir, então, a frase de Mallarmé como: "Em arte (pelo menos) nunca as premissas explicam a conclusão, mas, ao contrário, a conclusão explica as premissas".

Ainda que todas essas afirmações anteriores se apliquem ao arquiteto Marcos Acayaba, é sua trajetória, sua inventividade e sua postura perante a cidade, que nos permite discernir aqueles fundamentos pressupostos: basta percorrer sua obra e verificar suas contribuições em estruturas de concreto (Residência Milan), ou metálicas (Coliseum), ou recentemente com madeira (Residência Hélio Olga ou Residência Ricardo Baeta). Mas o que mais impressiona, em qualquer situação, é sua espontânea e fluente inventividade. Quase como uma borboleta pousando numa folha, sem (para nós) esforço.

Notamos essas características em todas as suas obras, como a escola projetada para a Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE ou aquele pequeno grupo de casas [Vila Butantã], no qual, a par de uma proposição pontual urbana, ele reata uma tradição que já se manifestava com o arquiteto Leo Ribeiro de Moraes, na década de 1940, de arquiteto empreendedor e urbanista.

Por essas razões todas, sinto-me particularmente honrado em apresentar meu caro colega e amigo Marcos Acayaba, professor de arquitetura de nossa cidade.

Imagino a arquitetura de Marcos Acayaba como uma estrutura. Sabemos como a estrutura é uma dimensão significativa na arquitetura de São Paulo dos anos 1960 para cá.

Acayaba escreveu sobre sua filosofia de trabalho:

Tenho desenvolvido projetos nos quais a preocupação com a construção, seus processos de produção e sua manutenção são determinantes, como também a geografia específica do local da obra. Assim, livres de questões de estilo, as formas das minhas construções, quase sempre novas, resultam de processos de análise rigorosos de condições específicas. E, porque tanto o respeito à natureza do lugar, quanto o emprego correto dos materiais e da energia necessária para a produção, uso e manutenção são determinantes, os projetos resultam ecológicos. Com o mínimo de meios, procuro sempre atingir a maior eficiência, conforto e, como consequência, a beleza. Onde nada sobra, onde nada falta.

Poderíamos relacionar esse remate do pensamento à noção de Alberti em *De Re Aedificatoria* ("On the art of building in ten books"): "Beleza é a justa harmonia de todas as partes do corpo, de maneira que nada poderia ser acrescentado, retirado ou alterado, se não para pior",¹ ou a outra máxima albertiana: "Devemos seguir o ensinamento de Sócrates, que algo é perfeito quando qualquer alteração só o torna pior".² No entendimento do "nada sobra, nada falta", emula-se o sentido de sistema como um todo organizado, um conjunto de fenômenos solidários que se estruturam e assumem uma forma com uma determinada configuração. Reflexão presente na *Antropologia estrutural* de Claude Lévi-Strauss, para quem uma estrutura é um sistema no qual a alteração de um elemento compromete todos os demais. Modelo conceitual no qual a observação dos fatos permite prever as reações do conjunto quando de uma ou mais modificações.

A estrutura pode ser uma inter-relação de partes organizadas segundo uma ordem hierárquica dominada por um sentido. Enquanto projeto de arquitetura, impregna-se de valores, há uma intenção que busca garantir o sucesso de seu objetivo, de sua função. Trata-se de uma hipótese de trabalho, uma construção que afirma a objetividade dos sistemas e relações, e, como forma de conhecimento, tem como propósito reconhecer e explicar o maior número de fatos constatados (não obstante a possibilidade de interpretações diversas) para a formulação do projeto, distinto da composição de elementos. Vale sutilmente tentar diferenciar o *projeto*, na conotação que a geração de Acayaba recebeu da retórica de Vilanova Artigas — projeto

1 ALBERTI, Leon Battista (1452). *On the art of building in ten books*. 9ª edição Cambridge, MIT Press, 1999, p.156.

2 Idem, ibidem, p.96.

3 GUADET, Julien (1905). *Éléments et théorie d'architecture*. Volume 1, 5ª edição. Paris, Librairie de la Construction Moderne, s.d., p.88.

4 Idem, ibidem, p.100.

5 SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Prácticas teóricas, prácticas históricas, prácticas arquitectónicas. *Inscripciones*. Barcelona, Gustavo Gili, 2003, p.257.

6 FERRUCCI, C. Sensibilidade. In *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992, v.25, p.124.

como desígnio, intento, como demonstração de soberania, e o desenho como um instrumento de emancipação política e ideológica —, da *composição* como a definia Julien Gaudet no seu *Éléments et théorie de l'architecture* do final do século 19: “é executar, é reunir em um todo as diferentes partes, que devem ser conhecidas segundo suas características e potencialidades, antes de se ter a pretensão de combiná-las, isto é, de fazer um todo”.³ Gaudet reconhecia na realização do arquiteto quatro divisões: a *disposição*, o que chamamos de composição; as *proporções*, isto é, o estudo das dimensões; a *construção*, ou o controle do estudo pela ciência e, enfim, a *execução*. A composição não se ensina, não se aprende senão com muitos ensaios, os exemplos e os conselhos, a experiência própria se sobrepõe à experiência alheia.⁴

No panorama paulista dos anos 1960, no limiar da reforma do ensino da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo — FAU USP, não mais se ensinou a *composição*, mas se tentou ensinar o *projeto*. A busca de uma *forma forte*, em que há uma estreita articulação entre as partes, numa organização que persegue uma unidade e uma estabilidade. Somente num ambiente impregnado de ricas diferenças e divergências intelectuais se poderia cultivar tal pretensão — como o que Marcos Acayaba vivenciou como estudante e jovem profissional.

O *projeto moderno*, como antecipação, tinha como horizonte e temporalidade o futuro, presumindo modificar o ambiente numa certa direção. Um vir a ser como conotação positiva do possível — algo completamente estranho numa concepção rigorosamente determinística do real. Observou Ignasi de Solà-Morales: “A arquitetura moderna se articulou, por um lado, a partir do paradigma da racionalidade técnica e, por outro, da expressão dos sentimentos e emoções do arquiteto como intérprete dos desejos e esperanças da sociedade”.⁵

Racionalidade versus sentimentos e emoções: atitude que se encontrava desenhada desde os grandes homens renascentistas, como aferiu C. Ferrucci: “Assim é para Leonardo, que, enquanto se declara convencido de que todo o nosso conhecimento tem origem nos sentimentos, acrescenta que a prática artística não dirigida pela ciência é como um barco à deriva, sempre incerto quanto à direção seguida...”.⁶

Na obra de Marcos Acayaba, persiste o inerente risco do projeto moderno. Há em seu trabalho uma *estética da lógica*, na qual as soluções devem resultar de uma judiciosa percepção estrutural. O que não está desconforme à clássica definição de Lúcio Costa:

arquitetura como construção concebida com o propósito de organizar e ordenar plasticamente o espaço e os volumes decorrentes, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica, de um determinado programa e de uma determinada intenção.⁷

7 COSTA, Lúcio, *Arquitetura*.

Rio de Janeiro, Bloch/
Fename, 1980, p. 7.

8 CSAMPAI, Attila;

HOLLAND, Dietmar. *Guia
básico dos concertos*. Rio
de Janeiro, Civilização
Brasileira, 1995, p. 7.

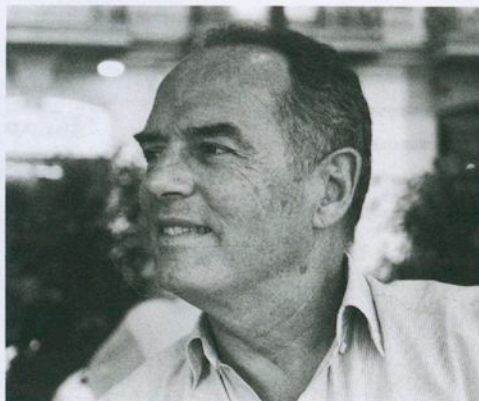
A filosofia de trabalho de Acayaba é tributária do grande mestre brasileiro.

Mas com ligeira variação, a intenção plástica de Lúcio Costa, “função da unidade última da obra idealizada”, comparece em Acayaba como uma beleza albertiana, uma resultante de um tirocínio estruturalista. Aqui vale parafrasear o compositor Ernest Bloch: “Quando se examina uma obra musical sob o ponto de vista técnico, tudo é coerente e nada é dito, como numa equação algébrica; mas quando se examina sob o ponto de vista poético, então tudo é dito e nada faz sentido”.⁸ Há uma poética intrínseca nessa busca da lógica, do essencial.

Romano Guerra Editora
Editores
Abilio Guerra
Silvana Romano Santos
Fernanda Critelli

Conselho Editorial

Abilio Guerra, Adrián Gorelik (Argentina), Aldo Paviani, Ana Luiza Nobre, Ana Paula Garcia Spolon, Ana Paula Koury, Ana Vaz Milheiros (Portugal), Angelo Bucci, Ângelo Marcos Vieira de Arruda, Anna Beatriz Ayroza Galvão, Carlos Alberto Ferreira Martins, Carlos Eduardo Dias Comas, Cecília Rodrigues dos Santos, Edesio Fernandes (Estados Unidos), Edson da Cunha Mahfuz, Ethel Leon, Fernando Lara (Estados Unidos), Gabriela Celani, Horacio Enrique Torrent Schneider (Chile), João Masao Kamita, Jorge Figueira (Portugal), Jorge Francisco Liernur (Argentina), José de Souza Brandão Neto, José Geraldo Simões Junior, Juan Ignacio del Cueto Ruiz-Funes (México), Luís Antônio Jorge, Luis Espallargas Gimenez, Luiz Manuel do Eirado Amorim, Marcio Cotrim Cunha, Marcos José Carrilho, Margareth da Silva Pereira, Maria Beatriz Camargo Aranha, Maria Stella Martins Bresciani, Marta Vieira Bogéa, Mônica Junqueira de Camargo, Nadia Somekh, Otavio Leonidio, Paola Berenstein Jacques, Paul Meurs (Holanda), Ramón Gutiérrez (Argentina), Regina Maria Prosperi Meyer, Renato Anelli, Roberto Conduru (Estados Unidos), Ruth Verde Zein, Sergio Moacir Marques, Vera Santana Luz, Vicente del Rio (Estados Unidos), Vladimir Bartalini



Marcos Acayaba é arquiteto e doutor (FAU USP, 1969 e 2005). Professor de projeto na graduação da FAU USP entre 1972-1976 e desde 1994. Recebeu os prêmios Cubo de Bronze na Bienal Internacional de Buenos Aires (1985); Premiação Nacional IAB (1991); Prêmio Fundação Vilanova Artigas (1991); Destaque da Obra na Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo (1993); Grande Prêmio Ex-Aequo na Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo (1997).

© Romano Guerra Editora, 2021

© Marcos Acayaba, 2021

Marcos Acayaba

Marcos Acayaba

2ª edição revisada e bilíngue, 2021

textos Julio Roberto Katinsky, Hugo Segawa, Guilherme Wisnik

coordenação editorial Abilio Guerra, Fernanda Critelli,

Silvana Romano Santos

adequação e projeto gráfico do inglês Dárkon V. Roque

atualização e revisão do português Ana Maria Barbosa

tradução João Luiz Teixeira de Brito, Odorico Leal

revisão da tradução Fernanda Critelli

1ª edição, 2007

coordenação editorial Cristina Fino

projeto gráfico Elaine Ramos, Cássia Buitoni

redesenho dos projetos em CAD Pablo Hereñú,

Eduardo Ferroni, Fernanda Mangini, Renan Kadomoto

edição de texto Joana Mello

preparação Gislaine Maria da Silva

revisão Carla Mello Moreira, Otacílio Nunes

capa Residência Marcos Acayaba, Guarujá, SP, 1996-1997,

foto Nelson Kon e Andrés Otero

p. 2-4 Marcos Acayaba, perspectivas da Residência Ricardo Baeta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Acayaba, Marcos

Marcos Acayaba; textos de Hugo Segawa,
Julio Roberto Katinsky, Guilherme Wisnik.
2.ed. rev. - São Paulo: Romano Guerra, 2021.
336 p. il

ISBN 978-65-87205-07-6

1. Arquitetos - Século 20 - Brasil 2. Arquitetura -
Contemporaneidade - Brasil I. Katinsky, Julio Roberto
II. Segawa, Hugo III. Wisnik, Guilherme IV. Título

CDD 724.981

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Dina Elisabete
Uliana - CRB-8/3760

ROMANO GUERRA EDITORA

Rua General Jardim, 645, conj. 31

01223-011 São Paulo SP

Tel [55 11] 3255 9535

rg@romanoguerra.com.br

www.romanoguerra.com.br

FONTE gotham

PAPEL couché fosco 150 g/m² e offset 90 g/m²

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO ipsis

A obra de Marcos Acayaba destaca-se como uma das mais consistentes no cenário da arquitetura brasileira contemporânea. Seu atributo fundamental é a diversidade, o que permite ao arquiteto empregar, sempre de forma rigorosa, tanto o concreto armado quanto o metal e a madeira industrializada como sistemas estruturais. Em vez de se deixar enredar por esquemas formais preconcebidos, o arquiteto define cada partido como uma singular estratégia construtiva para enfrentar a obra. Vem daí o caráter pedagógico dos seus projetos, que filtram um amplo conjunto de referências em sínteses pessoais, fazendo convergir uma disciplina de racionalização construtiva e uma poética.

Neste livro, o arquiteto compõe uma crônica de sua formação: a infância e a descoberta da arquitetura na cidade, a graduação na FAU USP, o convívio com professores marcantes, as primeiras experiências profissionais e os embates marcados pela radicalização política. Os projetos são extensamente documentados com fotografias, croquis e desenhos técnicos.

Textos de Marcos Acayaba, Julio Katinsky, Hugo Segawa e Guilherme Wisnik



Romano Guerra
Editora

